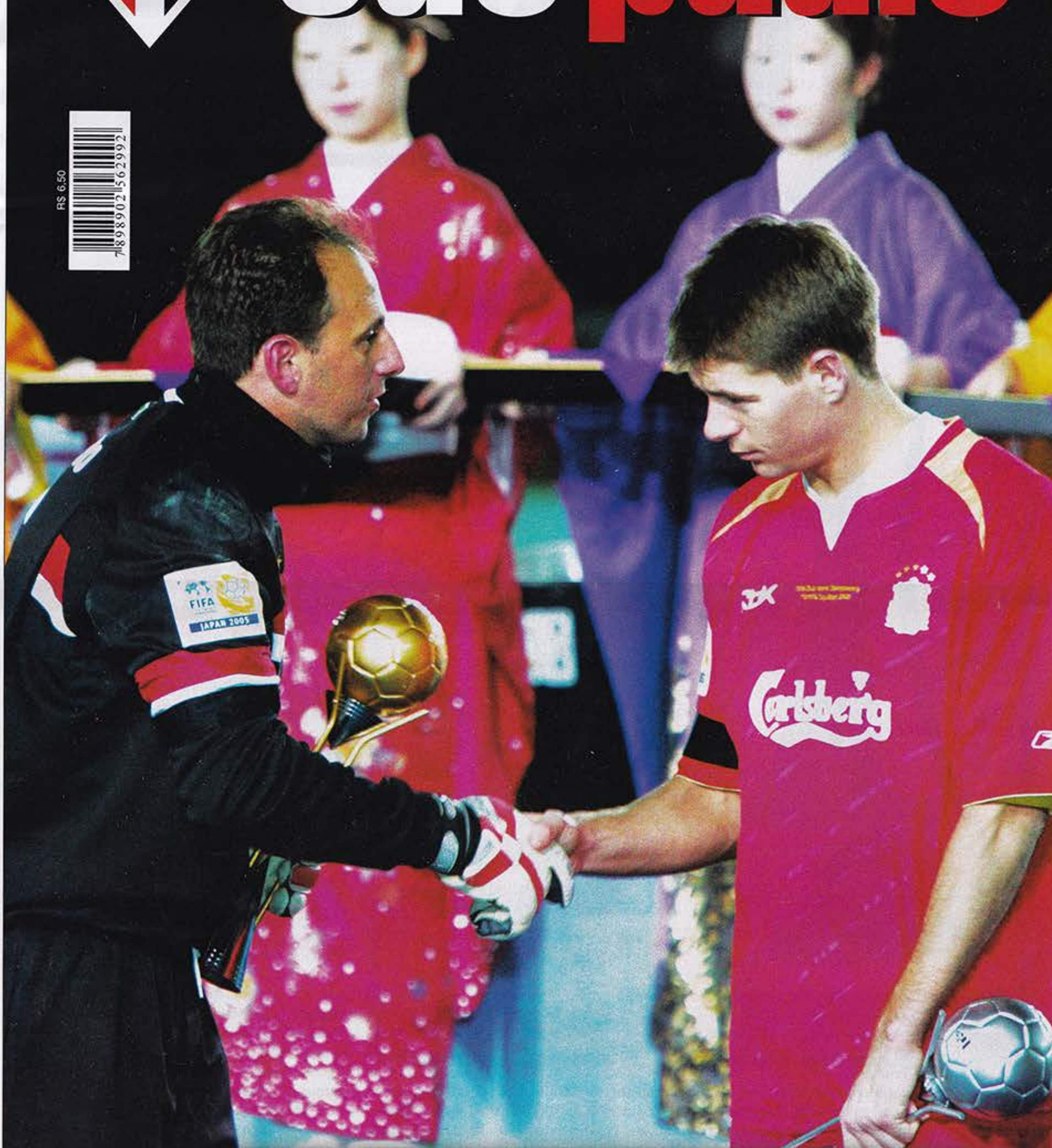


REVISTA **PÔSTER** COMEMORATIVA DO **TRI MUNDIAL**



são paulo



PELA TERCEIRA VEZ,
O TRICOLOR VENCE OS "IMBATÍVEIS" EUROPEUS

TODAS AS DECISÕES:
1992/1993/2005
HISTÓRIA DOS MUNDIAIS
FICHAS TÉCNICAS
IMAGENS MEMORÁVEIS
O ELENCO DO TRI



1992



1993



2005

MUNDIAL INTERCLUBES



O desejo de todos

**DESDE QUE FOI CRIADO,
NA DÉCADA DE 1960, O TORNEIO
PASSOU A SER O OBJETIVO
PRINCIPAL DAS GRANDES
AGREMIações DO PLANETA BOLA**

Englobando a tradicional taça Toyota Cup, a Fifa lançou em 2005 seu Mundial de Clubes. Uma primeira tentativa fora realizada em 2000, ano em que a entidade máxima do futebol organizou um torneio no Brasil que, até hoje, suscita discussões. O principal problema foi o critério adotado para selecionar os participantes. Real Madrid, Vasco e Corinthians foram convidados. Por sua vez, o Manchester United, que havia conquistado o título da UEFA Champions League e do Mundial Interclubes da época, quase não veio, pois as datas dos jogos coincidia com as férias de seus jogadores. Já o Palmeiras, campeão da Libertadores de 1999, ficou fora da competição.

Deixando as polêmicas em segundo plano, a Fifa reconheceu o peso do Mundial Interclubes. E, em 2005, juntou nele os seis campeões continentais (São Paulo Futebol Clube, Liverpool FC, Al Ahly, Al Ittihad Club, Sydney FC e Deportivo Saprissa) para coroar o melhor do planeta.

A importância do certame vem desde o momento em que foi concebido, na década de 1960 - em 1980, a competição passou a ser disputada no Japão e a ter o patrocínio da marca automobilística Toyota. A idéia inicial foi do francês Henri Delaunay, secretário-geral da UEFA (Union European Football Association) e mentor do Campeonato Europeu de seleções. Contando com o entusiasmo de Santiago Bernabeu, presidente do Real Madrid - agremiação pentacampeã de clubes entre 1956 e 1960 no Velho Continente - um desafio fora lançado ao vencedor da primeira Taça Libertadores da América, o Penãrol do Uruguai. A partir daquele momento, o encontro entre europeus e sul-americanos passou a ser o jogo mais importante do calendário mundial do futebol, ao menos no que diz respeito ao universo dos clubes.

De acordo com o que fora combinado, desenrolaram-se as duas partidas que definiram o grande vencedor do planeta. A primeira foi em Montevidéu, capital uruguaia, e terminou empatada por 0 a 0. Alguns dias depois, diante

de 120 mil torcedores madrilenos, os espanhóis, que contavam com o craque húngaro Puskas, golearam impiedosamente os sul-americanos por 5 a 1. Em 1961, o mesmo Penãrol venceu o Benfica de Portugal em dois emocionantes encontros. E isso consolidava o sucesso da disputa. Na seqüência, o Santos de Pelé sagrou-se bicampeão mundial ao superar em 62 e 63 o Benfica e o Milan, respectivamente.

Durante os desafios posteriores, o desejo dos argentinos de ganhar a competição começou a extrapolar limites. O futebol virou pancadaria explícita, sobretudo nos jogos disputados em campos sul-americanos. Com isso, o Mundial foi posto de escanteio por várias agremiações. Em 1970, a partida entre Estudiantes e Feyenoord, da Holanda, foi marcada pela truculência e pelas pressões extracampo de atletas, dirigentes e torcedores argentinos. Em virtude da violência, o também holandês Ajax, campeão da temporada 1970/1971, recusou-se a enfrentar o Nacional do Uruguai na disputa seguinte. A equipe do Velho



RUBENS CHIRI

Continentete que disputou a final do Mundial Interclubes daquele ano acabou sendo o clube grego Panathinaikos, vice-campeão europeu.

O fato repetir-se-ia quatro anos mais tarde, quando nem o Bayern de Munique nem a equipe inglesa do Leeds United Football Club, respectivamente campeão e vice-europeu daquela temporada, prontificaram-se a encarar a fúria da torcida do Independiente no pequeno estádio de Alveanada, subúrbio de Buenos Aires. Pela primeira vez, o torneio não fora disputado. O time alemão, porém, concordou em enfrentar o Cruzeiro em 1976. E venceu o desafio contra o clube mineiro.

Novamente, uma equipe inglesa abdicaria do direito de disputar o título, temendo o risco de fazer uma das partidas em Buenos Aires. Isso aconteceu em 1977, quando o Liverpool cedeu lugar ao clube alemão Borussia Mönchengladbach, que encarou o Boca Juniors. No ano de 1978, pela segunda vez na história, o Mundial não se realizou.

TOYOTA CUP

O último campeão à moda antiga, quando as equipes se encaravam em duas partidas, foi o Olimpia do Paraguai, que derrotou o Malmö FF da Suécia nos dois jogos disputados, respectivamente, em Estocolmo e Assunção.

Em virtude de problemas para a realização de dois confrontos no final dos anos 70, o Japão passou a abrigar a competição em jogo único na condição de território neutro. Dessa maneira, o interesse pelo desafio foi revigorado. Aliando isso ao patrocínio da empresa automotiva Toyota, o certame começou a premiar o vencedor com a Toyota Cup, o que o tornou ainda mais forte.

Disputado em 1980, o primeiro campeonato da nova fase foi vencido pelo Nacional, do Uruguai. A agremiação sul-americana derrotou os ingleses do Nottingham Forest. Um ano depois, o Flamengo de Zico traria o primeiro título mundial para o Brasil depois dos feitos do Santos, na década de 60. O Rubro-negro carioca venceu o Liverpool pelo convincente placar de 3 a 0.

No País, como na maior parte do mundo, a disputa do jogo na Ásia passou a ser o principal objetivo dos grandes clubes. De repente, a expressão "Projeto Tóquio" virou clichê. Outra equipe nacional a sentir o doce sabor desse título foi o Grêmio. Os gaúchos, ao derrotarem o Hamburgo, em 1983, puseram as mãos na taça.

Nove anos mais tarde, outro clube do Brasil se apossou da Toyota Cup. Foi o São Paulo dirigido por Telê Santana, que carimbou seu passaporte ao vencer a Libertadores da América em 1992. O adversário, o temível Barcelona, não foi páreo para Raí e seus companheiros. Com dois gols do camisa 10, o Tricolor, numa exibição de gala, principalmente no segundo tempo, quando a meta de Zetti não foi ameaçada praticamente nenhuma vez, derrotou o time catalão.

TODOS OS CAMPEÕES DO MUNDO

ANO	CAMPEÃO	VICE
2005	São Paulo (BRA)	Liverpool FC (ING)
2004	Porto (POR)	Once Caldas (COL)
2003	Boca Juniors (ARG)	Milan (ITA)
2002	Real Madrid (ESP)	Olimpia (PAR)
2001	Bayern Munique (GER)	Boca Juniors (ARG)
2000	Boca Juniors (ARG)	Real Madrid (ESP)
1999	Manchester United (ENG)	Palmeiras (BRA)
1998	Real Madrid (ESP)	Vasco (BRA)
1997	Borussia Dortmund (GER)	Cruzeiro (BRA)
1996	Juventus (ITA)	River Plate (ARG)
1995	Ajax (HOL)	Grêmio (BRA)
1994	Vélez Sarsfield (ARG)	Milan (ITA)
1993	São Paulo (BRA)	Milan (ITA)
1992	São Paulo (BRA)	Barcelona (ESP)
1991	Estrela Vermelha (IUG)	Colo Colo (CHI)
1990	Milan (ITA)	Olimpia (PAR)
1989	Milan (ITA)	Nacional (COL)
1988	Nacional (URU)	PSV Eindhoven (HOL)
1987	Porto (POR)	Peñarol (URU)
1986	River Plate (ARG)	Steaua Bucarest (ROM)
1985	Juventus (ITA)	Argentino Juniors (ARG)
1984	Independiente (ARG)	Liverpool FC (ING)
1983	Grêmio (BRA)	Hamburgo (ALE)
1982	Peñarol (URU)	Aston Villa (ING)
1981	Flamengo (BRA)	Liverpool FC (ING)
1980	Nacional (URU)	Nottingham Forest (ING)
1979	Olimpia (PAR)	Malmö FF (SUE)
1977	Boca Juniors (ARG)	Borussia Mönchengladbach (ALE)
1976	Bayern de Munique (ALE)	Cruzeiro (BRA)
1974	Atlético de Madrid (ESP)	Independiente (ARG)
1973	Independiente (ARG)	Juventus (ITA)
1972	Ajax (HOL)	Independiente (ARG)
1971	Nacional (URU)	Panathinaikos (GRE)
1970	Feyenoord (HOL)	Estudiantes (ARG)
1969	Milan (ITA)	Estudiantes (ARG)
1968	Estudiantes (ARG)	Manchester United (ENG)
1967	Racing (ARG)	Celtic FC (ESC)
1966	Peñarol (URU)	Real Madrid (ESP)
1965	Internazionale (ITA)	Independiente (ARG)
1964	Internazionale (ITA)	Independiente (ARG)
1963	Santos (BRA)	Milan (ITA)
1962	Santos (BRA)	Benfica (POR)
1961	Peñarol (URU)	Benfica (POR)
1960	Real Madrid (ESP)	Peñarol (URU)

Em 1993, ocorreu uma das mais emocionantes partidas de toda a história do Mundial. Novamente, o São Paulo atravessou o planeta em busca de seu objetivo maior. E, com o Milan, fez um jogo digno da tradição de dois dos mais importantes clubes do mundo. Por duas vezes, o Tricolor esteve na frente do placar. E, por duas vezes, o esquadrão italiano, que contava com uma legião estrangeira fenomenal, chegou ao empate. Até que Müller, num golpe de sorte, fez um fantástico gol de calcanhar, que muitos afirmam ter sido sem querer.

Após o feito tricolor, nenhum outro brasileiro conseguiu conquistar a Toyota Cup, objeto de respeito e, acima de tudo, desejo de todas as agremiações do planeta. Em 1995, o Grêmio foi derrotado pelo Ajax nos pênaltis. Em 1997, o Cruzeiro, reforçado pelo centroavante Bebeto

apenas naquela disputa, perdeu para o Borussia Dortmund, assim como Vasco e Palmeiras sucumbiram a Real Madrid e Manchester United em 98 e 99, respectivamente.

De lá até aqui, seis anos se passaram. Durante esse período, o Brasil ficou sem representante no certame. Mas, para marcar esse reencontro, depois de faturar o tricampeonato da Libertadores em julho, ninguém melhor que o São Paulo. Os paulistas puseram o País na rota das competições internacionais mais uma vez. O clube chegou ao Japão no começo de dezembro de 2005 para se preparar e garantir outro tricampeonato, desta vez o do Mundial. O resto desta história de glórias você acompanha nas páginas a seguir.

POR FERNANDO SAVAGLIA



Rai: a consagração
diante do Barcelona

A primeira DECISÃO

O SÃO PAULO CHEGOU AO LUGAR MAIS ALTO NA HIERARQUIA DO FUTEBOL MUNDIAL EM 1992, COM A EQUIPE COMANDADA POR TELÊ SANTANA E ORQUESTRADA POR RAÍ

Agitado e cansativo, mas inesquecível para a nação são-paulina. Assim foi 1992. Muitas competições, títulos e viagens fizeram parte da agenda do clube naquele ano. Tanto que, no mesmo dia em que partiu para Tóquio, 5 de dezembro, o time disputou a primeira partida decisiva do Campeonato Paulista daquela temporada. Depois de aplicar uma sonora goleada de 4 a 2 no Palmeiras, no Estádio do Morumbi, jogadores e comissão técnica embarcaram para a Ásia – diga-se de passagem, no retorno do Oriente, o Tricolor venceu o Alververde por 2 a 1, em 20 de dezembro, sagrando-se campeão.

Comandante em duas conquistas mundiais, Telê Santana marcou época à frente do Tricolor na sua segunda passagem pela equipe paulista, que teve início na década de 1990. Ele chegou ao Mundial altamente credenciado, pois já tinha na bagagem as taças do Campeonato Brasileiro, do Paulista (ambas faturadas em 1991) e da Liber-

tadores (1992). Entre seus maiores méritos da época, porém, destaca-se o fato de ter contribuído com o crescimento técnico e tático de Raí, jogador fundamental na história são-paulina.

O PODEROSO ADVERSÁRIO

O tradicional clube da Catalunha, dono de um dos maiores patrimônios da Europa, investiu pesado para montar uma equipe invencível. Além de ser a base da seleção de seu país, o time espanhol contava com vários craques consagrados, como o centroavante búlgaro Stoitchkov, o meio-campista dinamarquês Laudrup e o zagueiro holandês Koeman.

Mesmo assim, o Tricolor havia aplicado uma estrondosa goleada na agremiação dirigida por Johann Cruyff alguns meses antes, no torneio Tereza Herrera. Embora o jornal espanhol *Marca* se referisse ao São Paulo como o "Chicote de Indiana Jones", ainda que todo mundo estivesse impressionado com a performance dos

brasileiros, a crônica esportiva daquele país não deu muita importância ao resultado. Jornalistas alegaram que o Barcelona estava em período de pré-temporada. Para eles, o jogo que valia era o do fim do ano em Tóquio, no Japão. É bom lembrar que, antes de embarcar para o Oriente, cada jogador do Barcelona recebeu uma barra de ouro como incentivo pelo inédito título do Mundial Interclubes.

O JAPÃO É TRICOLOR

Exatamente à 1h24 da tarde do dia 9 de dezembro, o avião com a delegação tricolor tocou o solo do aeroporto de Narita, no Japão. Fazia muito frio e o tempo estava nublado. Os atletas se ressentiam de dores no corpo, resultado de um longo voo.

No desembarque, afóra bagagens e material de treinamento, havia sacos e sacos de alimentos. A viagem fora muito organizada, característica que tanto incomodou os rivais. Tudo foi planejado e pensado para que o São Paulo disputasse aquele que era

um título inédito para as equipes da capital paulista. Do Brasil, apenas Santos, Flamengo e Grêmio haviam sentido o sabor dessa conquista.

No Tokyo Prince Hotel, os jogadores se preparavam para deitar-se quando receberam a notícia de que deveriam trocar-se e acompanhar Moracy Santana, preparador físico do SPFC na época, para uma corrida em um parque próximo ao hotel. O intuito era minimizar os efeitos do fuso horário e adaptar o elenco ao clima local.

AS ATENÇÕES VOLTAM-SE AO BARÇA

Com a chegada do Barcelona à cidade, as atenções voltaram-se ao time catalão. Os diários praticamente davam como certa a vitória do clube espanhol sobre o brasileiro. Apesar de ter vencido a Libertadores e ter feito uma excursão vitoriosa pela Europa no meio do ano, o São Paulo era considerado uma equipe de pouca expressão internacional.

Na quinta-feira, dois dias antes do esperado confronto, representantes do São Paulo e do Barcelona foram convidados a comparecer a uma entrevista coletiva com o patrocinador do evento, a empresa japonesa Toyota. Afora o técnico Telê Santana, representando a delegação brasileira, estiveram presentes o craque Raí e José Eduardo Mesquita Pimenta, que era o presidente do São Paulo na ocasião. Do lado do Barcelona, ninguém.

Nas poucas horas de folga, os são-paulinos saíam para passear e fazer compras. Na quinta-feira à tarde, andando pelo centro da capital japonesa, alguns jogadores, entre eles o goleiro Zetti e o atacante Müller, cruzaram a delegação do Barcelona. Normalmente, companheiros de profissão se cumprimentam. Mas, naquele dia, em Tóquio, os tricolores foram ignorados pelos atletas adversários.

A BATALHA

Em campo, Raí cumprimentou o árbitro argentino Juan Carlos Loustau e, em seguida, trocou flâmulas com Koeman, líbero e capitão do time espanhol. O Barcelona deu o pontapé inicial. Apesar de maioria, a torcida

espanhola não foi dona absoluta das arquibancadas. Em muitos lugares, grupos de torcedores tricolores receberam o reforço de fãs japoneses.

No começo, o time do Morumbi estava melhor, mas, aos 12 minutos, Stoitchkov dominou livre na intermediária são-paulina. O zagueiro Adílson ficou indeciso e o búlgaro bateu. Para piorar, o sol atrapalhou Zetti, e a bola descansou no fundo da rede. Raí e Müller deram a saída e, aos poucos, o São Paulo pôs em prática seu maravilhoso jogo, encurralando a equipe espanhola.

Aos 25 minutos, com total domínio brasileiro, Pintado serviu a Palhinha, que tocou para Müller disparar pela ponta-esquerda do ataque. Ele acabou adiantando muito, mas, na disputa com o baixinho Ferrer, aplicou-lhe um drible desconcertante antes de cruzar a bola para a pequena área. Como se fosse centroavante, Raí jogou-se para frente, conseguindo empurrar a bola com a barriga para dentro gol. Do outro lado do planeta, a madrugada paulistana explodia num grito de gol, comemorando o mais esquisito de todos

os tentos da carreira de Raí.

MAIS EMOÇÃO. É A SEGUNDA PARTE

No segundo tempo, o São Paulo seguiu perigoso. As jogadas, porém, paravam na barreira que atendia pelo nome de Zubizarreta, naquela altura o herói do jogo. Até que, aos 31 minutos, Palhinha dominou a bola a pouco mais de cinco metros da grande área do Barcelona e sofreu uma falta de Amor. Raí não teve dúvidas e apresentou-se para a cobrança. Ele, então, tocou para Cafu, que apenas segurou a bola para o dono da camisa 10 emendar: gol! Um desenho formou-se no ar. À 1h35 da tarde do dia 13 de dezembro de 1992, na longínqua e fria cidade de Tóquio, Raí de Souza Vieira de Oliveira marcou o tento mais importante de toda a gloriosa história do São Paulo Futebol Clube. Enquanto isso, a milhares de quilômetros dali, em pleno verão paulistano e de madrugada, a cidade estremecia com a virada. Era o Tricolor dominando o planeta bola pela primeira vez.

POR FERNANDO SAVAGLIA

SÃO PAULO 2 X 1 BARCELONA

SÃO PAULO

Zetti; Vitor, Adílson, Ronaldão e Ronaldo Luís; Pintado, Toninho Cerezo (Dinho), Cafu e Raí; Müller e Palhinha

Técnico: Telê Santana

BARCELONA

Zubizarreta; Ferrer, Guardiola, Ronald Koeman e Bakero (Goicoechea); Eusébio, Witschge, Stoitchkov e Michael Laudrup; Amor e Beguiristain (Nadal)

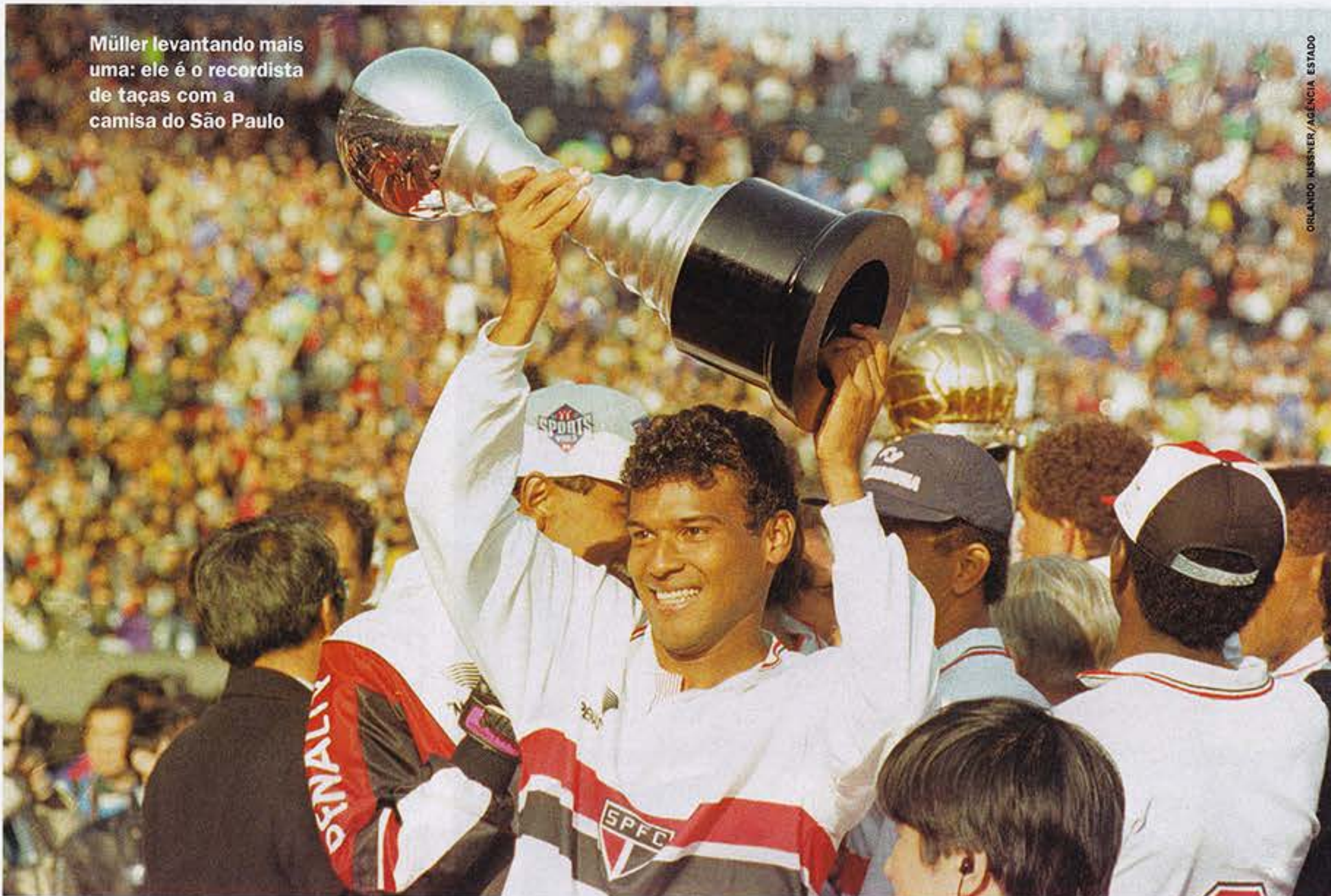
Técnico: Johann Cruyff

Gols: Stoitchkov aos 13 min e Raí aos 26 min do primeiro tempo; Raí aos 34 min do segundo. Cartões amarelos: Ronaldão e Toninho Cerezo (São Paulo); Beguiristain, Ferrer e Goicoechea. Juiz: Juan Carlos Loustau (Argentina) Data: 13/12/1992 Local: Estádio Nacional (Tóquio/Japão)



MUNDIAL INTERCLUBES DE 1992

Müller levantando mais uma: ele é o recordista de taças com a camisa do São Paulo



Zetti e Ronaldão
com a taça: jogadores
que marcaram a
história são-paulina



SENHOR do mundo

DEPOIS DO BARCELONA, ERA A VEZ DE O TRICOLOR ENCARAR
OUTRA PEDREIRA NA FINAL DO MUNDIAL DE 1993: O MILAN

Telê Santana: o
técnico que mais
conquistou títulos
com o clube
do Morumbi



O Mundial Interclubes de 1993 aconteceu como todas as outras partidas disputadas no Japão. Um problema, porém, surgiu no momento da definição do adversário do Tricolor.

Apesar de o Olympique de Marseille ter sido o campeão da UEFA Champions League, um escândalo de suborno envolvendo Bernard Taïpe, o então presidente da equipe, acabou desqualificando a agremiação. Além da vaga, os franceses ainda perderam a taça europeia. Com isso, o Milan – vice-campeão do torneio e um dos times mais tradicionais do planeta – carimbou o passaporte para o Oriente.

Como em 1992, o clube do Morumbi desembarcou no Japão uma semana antes do confronto. Se a vitória contra o Barcelona foi suada, nada indicava que seria mais tranquila contra o Milan. Afinal, os italianos tinham a fama de jogar um futebol muito mais aguerrido que os espanhóis.

Considerada uma das potências máximas do futebol, o Milan contava com o talento de Maldini, Donadoni, Massaro, Albertini, Panucci, Costacurta e Franco Baresi, que formavam a espinha dorsal da seleção italiana. Entre outros craques, havia ainda os franceses Desailly e Papin, afora o centroavante romeno Raducioiu, todos titulares absolutos dos selecionados de seus respectivos países.

Já o São Paulo vinha de conquistas importantes naquela temporada, como a Libertadores da América, a Recopa Sul-Americana e a Supercopa dos Campeões da Libertadores. O Tricolor de 1993, porém, não contava com a maestria de Raí, vendido ao Paris Saint Germain. O volante Pintado também não fazia parte do plantel, assim como o lateral-direito Vítor, emprestado ao Real Madrid.

GUERRA DE NERVOS

Com o apito do francês Joël Quiniou, iniciava o que a imprensa japonesa batizou de "O Jogo do Século". Campeão dos Mundiais Interclubes de 1969, 1989 e 1990, o Milan almejava o seu quarto título. O São Paulo de Telê Santana, ao contrário do ano anterior, quando era considerado zebra diante do Barcelona, aterrissou em Tóquio como um dos principais esquadrões do mundo, senão o mais importante graças aos vários campeonatos conquistados naquele período.

No começo, os italianos imprimiram forte marcação. Sufocaram, como era esperado. Procuraram encurralar os brasileiros. Logo aos 10 minutos do primeiro tempo, Raducioiu chutou com perigo. Quatro minutos depois, Massaro acertou a trave. Quando a pressão do Milan parecia chegar ao ponto máximo, André Luiz achou Cafu livre do lado direito, que cruzou a bola por baixo para Palhinha. O centroavante veio na corrida para fuzilar o gigante goleiro Rossi e fazer 1 a 0.

Minutos depois, Papin quase empatou numa bobeadada da zaga são-paulina. O apito de Quiniou, dessa vez encerrando o primeiro tempo, soou como um alívio. Apesar da vitória parcial, a esperança era de que a equipe se impusesse mais na etapa complementar.

MAIS 45 MINUTOS DE PURA ADRENALINA

O São Paulo voltou para o segundo tempo pressionando os italianos. Logo no princípio, Leonardo quase ampliou. Mas, dois minutos depois, numa rebatida da defesa brasileira, Massaro viu-se sozinho na frente de Zetti. Restou-lhe, então, tocar com categoria, empatar e correr para o abraço.

O time brasileiro sentiu. E o Milan tentou tirar proveito com cruzamentos na área tricolor. Num ataque fulminante, aos 14 minutos do segundo tempo, porém, o São Paulo aplicou um golpe letal. Em bela jogada construída por Leonardo na esquerda, Cerezo apareceu livre e tocou para o fundo das redes. Rossi saiu gritando com sua defesa, que fora totalmente envolvida. Os italianos tinham mais toque de bola. Já o São Paulo dava a impressão de que escolhia o momento em que era mais pressionado para fazer seus gols.

Os comandados de Capello pisaram no freio. Pareciam não ter pernas para buscar o gol que provocaria a prorrogação. Faltando 10 minutos para o término, o técnico italiano pôs em campo o atacante Tassoti em lugar do perigoso Raducioiu e tirou o volante Albertini para arriscar todas as fichas no meia Alessandro Orlando. Naquela altura, era tudo ou nada.

Um minuto após a troca, Massaro, na área são-paulina, tocou de cabeça para trás. E Papin, também de cabeça, igualou o placar. O que se desenhava impossível aconteceu. A partida tomava proporções épicas com aquele empate. Com menos de nove minutos para o fim, a torcida tricolor questionava se o São Paulo teria fôlego para encarar a prorrogação.

VELOZ, OPORTUNISTA E INTELIGENTE

Revelado nas divisões de base do São Paulo na década de 80, Luís Antônio Corrêa da Costa, conhecido simplesmente por Müller, fez parte dos chamados "Menudos do Morumbi", um dos maiores plantéis da história do clube. Apesar de ser dono de



No bicampeonato, Toninho Cerezo (11) foi o destaque: além do gol, foi escolhido o melhor da partida

muita velocidade e oportunismo, o camisa 7 se destacava pela movimentação inteligente: sempre buscava espaços vazios e servia bem aos companheiros.

Com uma apresentação discreta naquele jogo, pouco pôde fazer para sair da forte marcação de Panucci e Costacurta, que havia declarado que o brasileiro representava pouco perigo, pois não era capaz de vencer os zagueiros italianos e fazer gols. Mas, aos 41 minutos, Cerezo enfiou do meio-de-campo uma bola fantástica para o atacante são-paulino, deixando-o frente a frente com Rossi. Percebendo o perigo, o goleiro imediatamente abandonou a meta para evitar que Müller progredisse. Tentando impedir o choque com o gigante arqueiro, o brasileiro virou o corpo no ar. A bola espirrou, tocando em seu calcanhar. E, como se fosse guiada pelos deuses do futebol, entrou lentamente no gol italiano. Uma pintura de lance.

Na comemoração, o desabafo de Müller: "Questo gol é per te, buffone (este gol é para você, palhaço)", gritou o jogador,

apontando os dois dedos para um incrédulo Costacurta. O goleiro milanês, com as duas mãos na cabeça, demonstrava todo seu inconformismo com a sorte do brasileiro. Mesmo desmotivados, os europeus partiram para uma última tentativa. Aos 44 minutos, Papin desperdiçou a chance do empate diante de Zetti após cruzamento de Panucci.

Do banco de reservas, um Capello impassível assistia a essa oportunidade perdida por sua equipe. Já não havia tempo para nada. Joël Quiniou finalmente apitou, terminando a mais sofrida e emocionante conquista tricolor de todos os tempos.

A emissora japonesa de televisão saudou o vencedor de "O Jogo do Século". No gramado, a festa dos brasileiros contrastava com a desolação italiana. Restavam apenas a entrega da Toyota Cup ao capitão Ronaldão e a tradicional volta olímpica do bicampeão mundial de futebol.

POR FERNANDO SAVAGLIA

SÃO PAULO 3 X 2 MILAN

SÃO PAULO

Zetti; Cafu, Válber, Ronaldão e André Luiz; Dinho, Doriva, Toninho Cerezo e Leonardo; Müller e Palhinha (Juninho)

Técnico: Telê Santana

MILAN

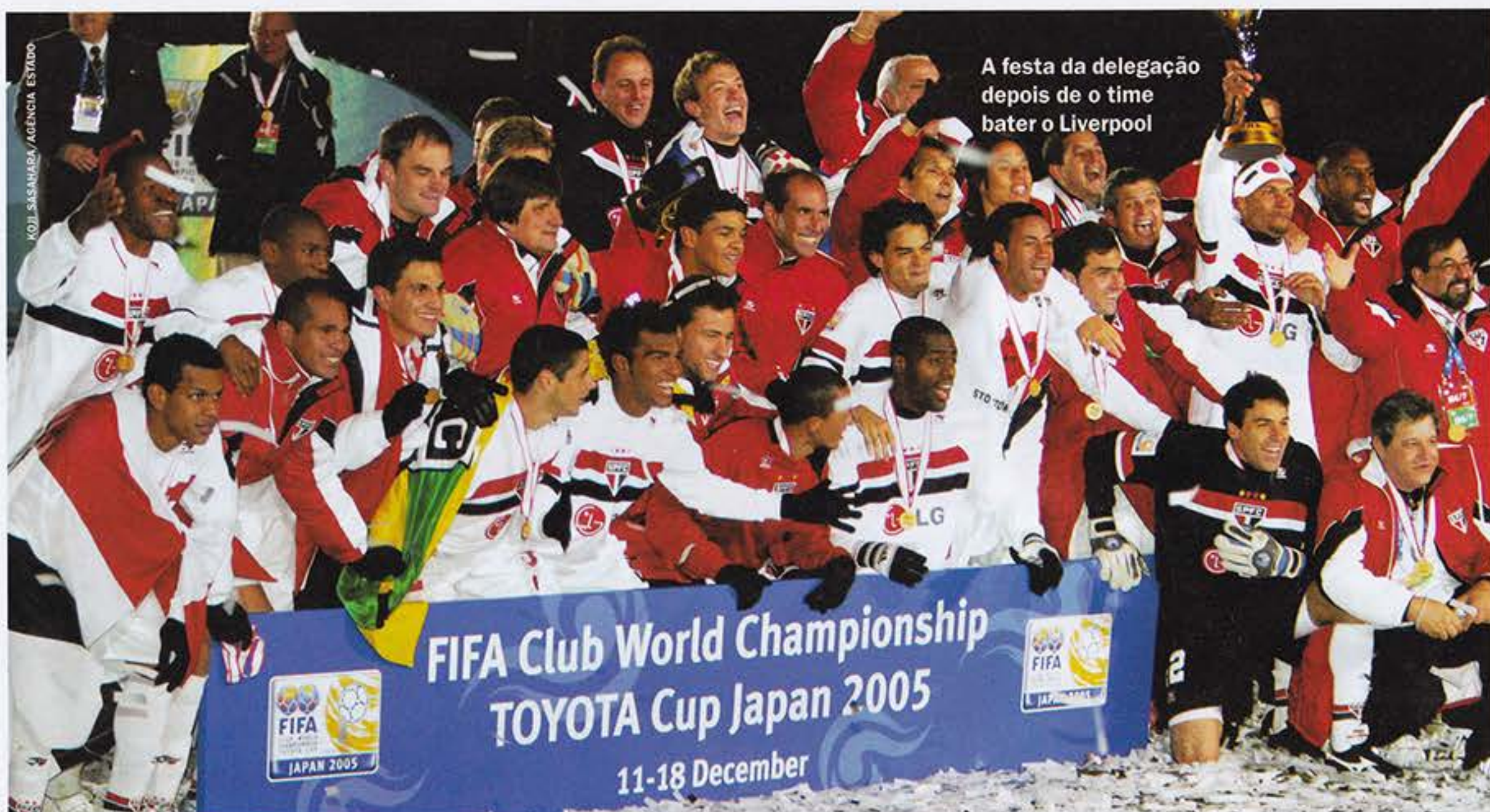
Rossi; Panucci, Costacurta, Franco Baresi e Maldini; Albertini (Alessandro Orlando), Donadoni e Desailly; Massaro, Papin e Raducioiu (Tassoti)

Técnico: Fabio Capello

Gols: Palhinha aos 19min do primeiro tempo; Massaro aos 3min, Toninho Cerezo aos 14min, Papin aos 36min e Müller aos 41min do segundo tempo Juiz: Joël Quiniou (França) Data: 12/12/1993 Local: Estádio Nacional (Tóquio/Japão)



MUNDIAL
INTERCLUBES
DE 1993



Mais um ano INESQUECÍVEL

ASSIM COMO EM 1992, O TRICOLOR DO MORUMBI DE 2005 VENCEU O PAULISTA, A LIBERTADORES E O MUNDIAL INTERCLUBES. COM A CONQUISTA DA TOYOTA CUP, O SÃO PAULO PASSOU A SER O ÚNICO CLUBE BRASILEIRO QUE ALCANÇOU TRÊS VEZES O TÍTULO MAIS COBIÇADO DO PLANETA

Histórico. Essa foi a palavra mais utilizada para qualificar a atuação do São Paulo Futebol Clube na temporada de 2005. O esquadrão do Morumbi disputou cinco torneios e chegou ao topo do pódio em três oportunidades. Na mais importante, venceu o favoritíssimo time do Liverpool e assegurou o tricampeonato Mundial Interclubes.

Para chegar ao topo do mundo, entretanto, o São Paulo driblou muitos obstáculos, como os adversários da Copa Libertadores da América e o começo morno do Brasileirão. Além disso, outro entrave foi a troca de "peças". Assim que se encerrou o torneio continental, o atacante Luizão foi para o futebol do Japão. Antes dele, porém, o zagueiro Rodrigo partiu para o Dínamo de Kiev, da Ucrânia.

A falta de tempo para uma pré-temporada mais forte a fim de disputar a Libertadores, principal meta do primeiro semestre, foi motivo de preocupação. A comissão técnica definiu, então, que o Campeonato Paulista se prestaria a esse papel. Apesar do cansaço, os atletas mostraram empenho e conquistaram o título estadual.

Na Libertadores, o Tricolor soube sempre aproveitar-se da vantagem de jogar em casa e, mesmo nos momentos mais difíceis, conseguiu superar adversários de tradição. Foi assim que eliminou Palmeiras e River Plate.

A final da competição foi diferente de todas. Era a primeira vez que dois times do mesmo país se

enfrentavam nos jogos mais importantes do torneio. O São Paulo foi muito superior ao Atlético-PR. E, após um empate por 1 a 1 na primeira partida, não deu chances ao rival: goleada por 4 a 0 e a taça de campeão.

PREPARAÇÃO

O segundo semestre foi inteiramente usado como preparação para o último torneio do ano. Em julho, o clube planejou uma bateria de exames para verificar o desgaste de cada atleta. Dessa forma, seria possível projetar os exercícios adequados para ajudar na performance deles. Afora isso, Grafite seguia a rotina de fisioterapia por causa de uma cirurgia no joelho que o afastou do gramado por cinco meses.

Apesar do desempenho aquém do esperado durante a primeira fase do Brasileiro, a equipe encerrou o nacional na zona intermediária da tabela. Com a proximidade do Mundial, a comissão técnica resolveu poupar os titulares, dando-lhes uma semana de férias. Foi a oportunidade que os reservas queriam para ser avaliados por Paulo Autuori.

Apenas nos dois últimos jogos, contra Fortaleza e Atlético-PR, os jogadores principais foram escalados. O intuito era que adquirissem ritmo de jogo. Embora tenha sido derrotada na capital do Ceará, a equipe, assim como toda a nação tricolor, observou uma grande vitória no gramado. Após ficar durante muito tempo afastado, o atacante Grafite, que entrou em lugar de Amoroso, voltou a participar de uma partida oficial.

No último jogo válido pelo certame nacional, o Tricolor entrou com força máxima e mostrou-se impiedoso: bateu, novamente, o Atlético-PR e despediu-se da torcida.

SÃO PAULO/FRANKFURT/TÓQUIO

Centenas de são-paulinos compareceram ao Aeroporto Internacional de Guarulhos para



desejar boa sorte aos atletas e à comissão técnica no dia em que a delegação seguiu para o Japão, em 5 de dezembro.

A saída estava prevista para 7h45 da noite, mas o avião decolou apenas uma hora depois. A escala foi feita na cidade de Frankfurt, na Alemanha, onde a aeronave aterrissou 12 horas após deixar o Brasil. A delegação rumou para Narita, região próxima de Tóquio, em outro avião.

No tempo em que permaneceu no ar - mais de um dia -, Turbino Leite de Barros, fisiologista do Tricolor, providenciou aparelhos de estímulos elétricos que simulam a atividade física e diminuem os efeitos da longa viagem. "O choque contrai a musculatura do jogador, evitando o cansaço", disse ao site oficial. Os atletas gostaram e aprovaram a iniciativa. "Eles acabam relaxando e aliviando mesmo o estresse", avaliou o zagueiro Lugano.

Na chegada ao Japão, uma personalidade que faz parte da história do São Paulo foi pessoalmente receber o time: Toninho Cerezo, que dirige o Kashima Antlers. O ex-jogador esteve nas duas conquistas mundiais do São Paulo e, em 1993, contra o Milan, ainda foi escolhido o melhor da partida.

Os atletas foram direto treinar. No Estádio de Nishigaoka, fizeram alongamento, corrida leve e rápido bate-bola. Até a primeira partida, os jogadores treinavam, davam entrevistas e aproveitavam o tempo livre para fazer compras.

A ESPERADA ESTRÉIA

O primeiro jogo do Mundial Interclubes foi entre Al Ittihad, da Arábia Saudita, e Al Ahly, do Egito. A comissão técnica e os jogadores tricolores foram até as dependências do Estádio Nacional, em Tóquio, acompanhar o embate, que definiria o adversário do São Paulo na semifinal. Em partida muito disputada, mas com muitos erros de ambos os lados, o campeão asiático conseguiu marcar e, assim, avançar para a próxima fase.

Mas a semana começou tumultuada no ambiente tricolor por conta de polêmicas levantadas pela imprensa. Um virtual acerto de Amoroso com o FC Tokyo e o aumento da premiação em dinheiro geraram especulações por parte dos profissionais da mídia. Os jogadores, porém, preferiram seguir concentrados para o jogo e se mantiveram afastados das discussões.

A semifinal começou, pontualmente, às 7h20 da noite, horário de Tóquio, 8h20 da manhã no Brasil. O São Paulo, logo aos 15 minutos, balançou as redes com Amoroso. Em um cruzamento mal-afastado, o atacante dominou a bola no peito e chutou. Antes de entrar, ela ainda foi desviada nas pernas do zagueiro, tirando qualquer possibilidade de defesa do arqueiro Zaid.

Na metade do primeiro tempo, o Tricolor começou a ceder espaço e o Al Ittihad aproveitou para atacar. Com lançamentos perigosos, os árabes chegavam com liberdade. E foi assim que, aos 36 minutos, Kallon chutou cruzado e Rogério Ceni não conseguiu segurar a bola. Ela sobrou para Noor que, dividindo com o arqueiro são-paulino, empurrou para as redes.

Desanimados com o resultado, os brasileiros apenas seguraram o ímpeto saudita até o fim da primeira etapa. Mas, no início do segundo tempo, o São Paulo, que voltou a campo recomposto, ficou na frente de novo. Danilo trabalhou bem e encontrou Aloísio em boa posição. O atacante foi rápido e passou para Cicinho, que cruzou na medida para Amoroso, sozinho, na pequena área: gol.

O Tricolor foi para cima, pressionando o Al Ittihad. Em um lance de ataque, Aloísio foi derrubado dentro da área. O árbitro marcou pênalti. Rogério Ceni cobrou forte, no alto, à direita do goleiro. A vantagem foi ampliada e o arqueiro entrou para a história do futebol novamente, pois foi o primeiro camisa 1 a marcar num torneio Mundial Interclubes.

Com isso, o time passou a jogar nos contra-ataques. Mas foi o adversário que fez. Em um escanteio cobrado por Tcheco, Al Montashari desviou de cabeça. O placar, porém, ainda era favorável ao São Paulo, que soube tocar a bola e segurar o resultado, garantindo vaga na decisão. No fim, os jogadores, aborrecidos com as atitudes da imprensa, não concederam entrevistas. Dirigiram-se direto ao hotel.



Rogério Ceni: o mundo a seus pés

O DIA D... JOGAR MUITO

No dia seguinte, o São Paulo viu o perigoso Liverpool triturar o Saprissa. Os ingleses, como se esperava, fizeram 3 a 0 nos representantes da CONCACAF, tornando-se os grandes favoritos para a grande final. O Tricolor, no dia 18 de dezembro, teve de se superar para vencer o badalado esquadrão europeu, que estava invicto e não tomava gols havia 11 partidas. Como nos Mundiais anteriores, quando também desbancou duas superpotências do futebol, o time paulista surpreendeu os adversários, que chegaram ao Japão poucos dias antes de estrear e com pinta de campeões.

Com a bola rolando, os ingleses não mostraram a superioridade de que falaram tanto. No começo, assustaram com uma cabeçada de Morientes. Na sequência, entretanto, os ânimos esfriaram e o São Paulo passou a cadenciar os passes, dominando as ações. Até os 26 minutos, equilíbrio total. Mas Fabão, como se fosse um meia, deu um belo toque para Aloísio, que, no melhor estilo Raí, encontrou Mineiro livre na área de Reina. O volante apenas deslocou o arqueiro.

O Liverpool, um minuto depois, quase chegou ao empate num escanteio batido por Xabi Alonso que Luis García desviou, mandando a bola no travessão da meta são-paulina. Para acirrar os nervos da nação tricolor, o juiz encerrou a primeira etapa apenas aos 50 minutos por causa de um torcedor que invadiu o gramado no princípio do embate.

No retorno, o Liverpool voltou com tudo. Gerrard, de falta, mandou a bola no ângulo esquerdo de Rogério Ceni. O goleiro-artilheiro se esticou para fazer impressionante defesa. Se o fim do primeiro tempo foi angustiante, os 48 minutos da segunda etapa foram um teste de fogo para cardíacos. Afinal, os ingleses tentaram de todas as formas empatar a decisão. Luis García, Morientes, Crouch, que



Mineiro: decisivo na final

entrou no fim, e Gerrard deram muito trabalho à zaga composta por Fabão, Lugano e Edcarlos.

Como de costume, a principal arma deles foi o chamado "chuveirinho". O São Paulo, porém, soube conter o perigo oferecido pelo rival e jogar no contra-ataque. Quando os jogadores ouviram o último apito, a comemoração brasileira tomou conta do estádio japonês e das ruas da capital paulista. Mas ainda havia a coroação de Rogério Ceni, considerado o melhor da partida e do Mundial Interclubes.

POR RAFAEL FURUGEN

SÃO PAULO 1 X 0 LIVERPOOL FC

SÃO PAULO

Rogério Ceni; Fabão, Diego Lugano e Edcarlos; Cicinho, Mineiro, Josué, Danilo e Júnior; Amoroso e Aloísio (Grafite)

Técnico: Paulo Autuori

LIVERPOOL FC

Reina; Finnan, Carragher, Hyypia e Warnock (Riise); Xabi Alonso, Sissoko (Sinoma), Steven Gerrard e Luis García; Kewell e Morientes (Crouch)

Técnico: Rafa Benítez

Gol: Mineiro aos 26min do primeiro tempo Cartão amarelo: Lugano Juiz: Benito Armando Archundia (México) Data: 18/12/2005 Local: Estádio Internacional de Yokohama (Japão)



MUNDIAL INTERCLUBES DE 2005



DELEGAÇÃO TRICOLOR EM 2005

FOTOS RUBENS CHIRI

1
ROGÉRIO CENI
GOLEIRO
Nascimento: 22/01/1973
Local: Pato Branco (PR)
Altura: 1,88m
Peso: 88 quilos

22
João BOSCO de F. Chaves
GOLEIRO
Nascimento: 14/11/1974
Local: Escada (PE)
Altura: 1,84m
Peso: 79 quilos

33
FLÁVIO Roberto Kretzer
GOLEIRO
Nascimento: 14/11/1974
Local: Escada (PE)
Altura: 1,84m
Peso: 79 quilos

13
ALEX Bruno C. Fernandes
ZAGUEIRO
Nascimento: 09/05/1982
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,89m
Peso: 86 quilos

3
FABÃO - J. Fábio A. Azevedo
ZAGUEIRO
Nascimento: 09/05/1982
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,89m
Peso: 86 quilos

5
Diego A. LUGANO Moreno
ZAGUEIRO
Nascimento: 02/11/1980
Local: Canelones (URU)
Altura: 1,88m
Peso: 87 quilos

4
EDCARLOS C. dos Santos
ZAGUEIRO
Nascimento: 10/05/1985
Local: Salvador (BA)
Altura: 1,83m
Peso: 80 quilos

18
F. DONIZETE da Costa
ZAGUEIRO
Nascimento: 16/01/1984
Local: Itapeverica da Serra
Altura: 1,83m
Peso: 83 quilos

8
JOSUÉ A. de Oliveira
VOLANTE
Nascimento: 19/07/1979
Local: Vitória de S. Antão (PE)
Altura: 1,69m
Peso: 63 quilos

7
MINEIRO - Carlos L. Silva
VOLANTE
Nascimento: 02/08/1975
Local: Porto Alegre (RS)
Altura: 1,69m
Peso: 69 quilos

15
DENILSON Pereira Neves
VOLANTE
Nascimento: 16/02/1988
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,78m
Peso: 73 quilos

17
RENAN Teixeira da Silva
VOLANTE
Nascimento: 29/03/1985
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,81m
Peso: 80 quilos

6
JÚNIOR - Jenilson A. Souza
LATERAL
Nascimento: 20/06/1973
Local: Santo A. de Jesus (BA)
Altura: 1,73m
Peso: 70 quilos

16
FÁBIO SANTOS Romeu
LATERAL
Nascimento: 16/08/1985
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,79m
Peso: 75 quilos

2
CICINHO - Cícero. J. Cezare
LATERAL
Nascimento: 24/06/1980
Local: Pradópolis (SP)
Altura: 1,71m
Peso: 72 quilos

21
Willamis de SOUZA Silva
MEIA
Nascimento: 04/02/1979
Local: Maceió (AL)
Altura: 1,76m
Peso: 75 quilos

10
DANILO Gabriel de Andrade
MEIA
Nascimento: 11/06/1979
Local: São Gotardo (MG)
Altura: 1,86m
Peso: 84 quilos

20
RYCHARLISON Barbosa F.
MEIA
Nascimento: 27/12/1982
Local: Natal (RN)
Altura: 1,76m
Peso: 72 quilos

14
ALOÍSIO José da Silva
ATACANTE
Nascimento: 27/01/1975
Local: Atalaia (AL)
Altura: 1,88m
Peso: 86 quilos

19
THIAGO Ribeiro Cardoso
ATACANTE
Nascimento: 24/02/1986
Local: Pontes Gestal (SP)
Altura: 1,84m
Peso: 74 quilos

9
GRAFITE - Edinaldo Libânio
ATACANTE
Nascimento: 02/04/1979
Local: Jundiá (SP)
Altura: 1,88m
Peso: 83 quilos

11
Márcio AMOROSO Santos
ATACANTE
Nascimento: 05/07/1974
Local: São Paulo (SP)
Altura: 1,78m
Peso: 71 quilos

12
CHRISTIAN Corrêa Dionísio
ATACANTE
Nascimento: 25/04/1975
Local: Porto Alegre (RS)
Altura: 1,86m
Peso: 83 quilos

PAULO AUTUORI de Mello
TÉCNICO
Nascimento: 23/08/1956
Local: Rio de Janeiro (RJ)
Formação: Ed. Física,
Técnico e Adm. Esportiva

COMISSÃO TÉCNICA
Auxiliares técnicos: Milton Cruz e Gilvan Araújo dos Santos
Preparador físico: Carlinhos Neves
Preparador físico assist.: Sérgio Rocha
Preparador de goleiros: Haroldo Lamounier
Fisioterapeutas: Luiz Rosan e Ricardo Sasaki
Médico: José Sanchez
Fisiologista: Turbilio Leite de Barros
Analista de desempenho: Wellington Valquer
Massagistas: Alton Rodrigues e Almir Lima
Roupeiros: Valdeci Nascimento e Cícero Feitosa

COMISSÃO ADMINISTRATIVA
Superintendente de Futebol: Marco A. Cunha
Gerente de Futebol: José C. dos Santos



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

REALIZAÇÃO
ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE

2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ